

ENTREVISTA: DEISE QUINTILIANO

Investimento na liberdade

Professora do Departamento de Letras Neolatinas (Língua francesa e Literaturas de língua francesa) do Instituto de Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Deise Quintiliano Pereira é graduada em Letras (Português-Francês e Português-Italiano), mestre e doutora em Letras Neolatinas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e doutorado Sanduíche pela Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais de Paris (2001), é representante do (GES) Grupo de Estudos Sartrianos de Paris. Desenvolve o projeto Pós-Modernidade estética na periferia escritural sartriana. (Oscar D'Ambrosio)

Jornal Unesp: Qual é o maior legado da obra de Sartre 30 anos após o falecimento dele?

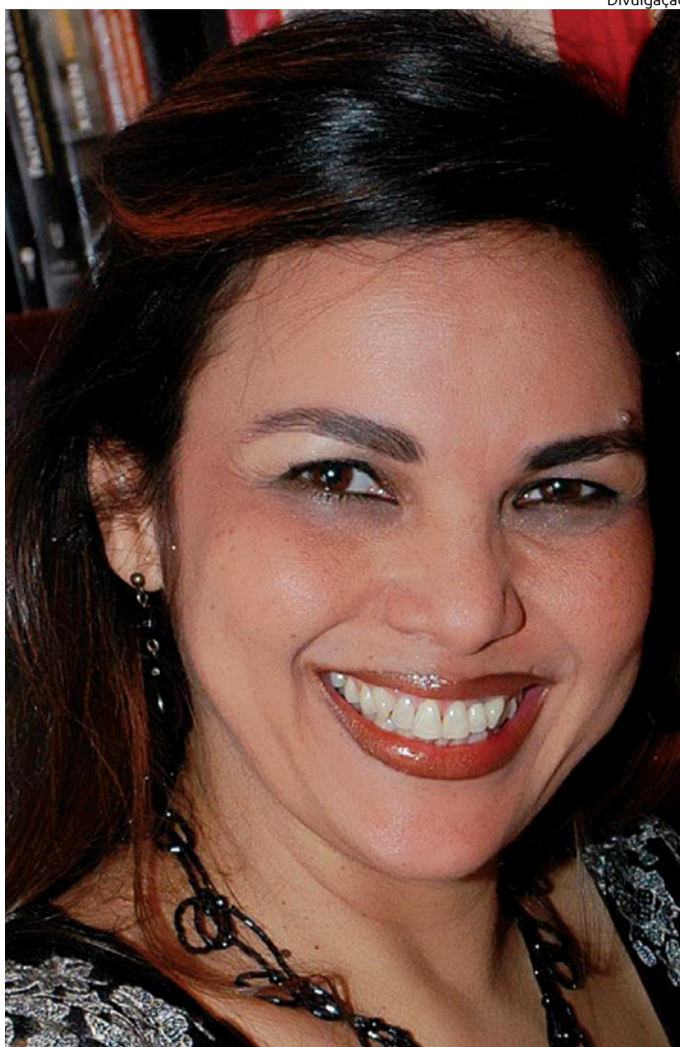
Deise Quintiliano: É o investimento inequívoco na liberdade, como primado insuperável da história da humanidade. Em contraposição à inexorabilidade da finitude humana e da angústia existencial que dela decorre, Sartre avoca a autonomia do "ato livre", de maneira intransigente e radical, refutando qualquer possibilidade de condicionamento. Apenas a liberdade, que é a de cada um, permanece total e infinita. O refinamento dessa elaboração é uma lanterna mágica, passível de clarear os tortuosos meandros nos quais avança, aos tropeços, o indivíduo contemporâneo, massacrado por toda sorte de sobredeterminações históricas, sociais e culturais que, no limite, encarnam o terrível espectro de força exterminadora da alteridade e da subjetividade, que caracterizam o homem ou, como prefere Sartre, "a realidade humana".

JU: Especificamente no Brasil, qual é a receptividade, hoje, do pensamento de Sartre?

Deise: Desde a última década do século passado, observamos um curioso processo que traduz o despertar de um interesse, de uma redescoberta, de uma passagem a limpo das ideias de Sartre. Especificamente no Brasil, entrevistas, resenhas, artigos, traduções, capítulos e livros, resultados de pesquisas de ponta, lhe têm sido dedicados, respondendo a uma importante demanda nacional, em fluxo contínuo. Alguns sustentam que sua incrível força midiática teria se levantado de um profundo sono, graças às comemorações do centenário do nascimento do pequeno Poulou – seu apelido de infância, em 2005, celebrado em todo o mundo. Em parte, isso é verdade. Todavia, eu acrescentaria que uma leitura mais atenta de seus escritos permite-nos fazer incidir o olhar sartriano sobre eventos, episódios e acontecimentos que nos afetam hoje, demonstrando todo o vigor e atualidade de suas reflexões, sobretudo nas críticas ao pensamento único, às noções de totalitarismo e totalidade e, sobretudo, à supressão do respeito à subjetividade nas relações interpessoais.

JU: De que maneira a visita de Sartre ao Brasil, há 50 anos, influenciou uma geração de pensadores brasileiros?

Deise: Na realidade, poderíamos inverter a pergunta, pois há que se considerar que foi a preeminência que o escritor mais influente do séc. XX já exercia sobre parte não ponderável da inteligência francesa e mundial que justificou a sua vinda



Divulgação

Desde a última década do século passado, há um curioso processo de redescoberta e passagem a limpo das ideias de Sartre

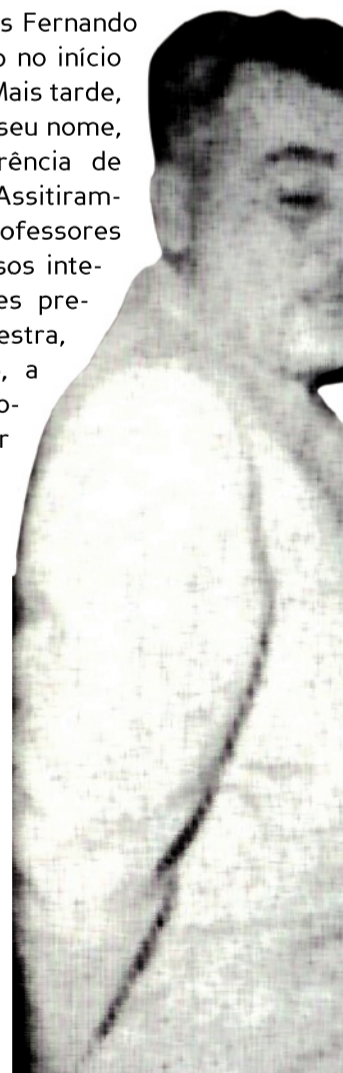
ao Brasil e toda a repercussão decorrente desse fato, uma vez que Sartre era um filósofo *superstar*, perseguido por um séquito de jornalistas, uma horda de admiradores, batalhões de curiosos, legiões de intelectuais e multidões de estudantes. É nesse contexto que, aceitando um convite feito pelo filósofo Fausto de Castilho, acompanhado por seu amigo, o escritor Jorge Amado, e o inseparável "Castor", Simone de Beauvoir, companheira de toda a vida, o autor de *A náusea* segue para proferir a famosa Conferência de Araraquara, rara por seu ineditismo. A figura mais emblemática do intelectual engajado talvez não soubesse que, mais uma vez, fazia história, ao trazer para o seio dos círculos culturais do interior do país ecos dos debates significativos que se encontravam na ordem do dia, no mesmo ano em que publicava um de seus trabalhos mais altissonantes, em que traz à cena um incessante diálogo crítico com o marxismo e com a questão da condição sócio-histórica do homem: *A Crítica da razão dialética*.

Visita a Araraquara

JOSÉ ALUYSIO REIS DE ANDRADE

Anossa intenção é a de situar a vinda de Sartre a Araraquara, destacar o significado dessa visita ao longo do percurso de sua existência e, eventualmente, por se tratar de uma comemoração importante para a cidade, o sentido do resgate que se está operando e a necessidade de sua continuidade. Sartre aportou em Araraquara, acompanhado de Simone de Beauvoir e também do seu cicerone no Brasil, Jorge Amado. Aliás, é curioso que nas memórias deste último, *Navegação de Cabotagem* – livro na verdade muito fragmentário –, as menções da visita de Sartre ao Brasil são lacunosas e sucintas. Veio ao Brasil depois de presenciar o "Furacão sobre Cuba", como escreveu, com a mente fervilhante de ideias libertárias e sedento de catalogar o que neste país se fazia em termos de lutas de libertação. O roteiro elaborado por Jorge Amado era minucioso, abrangendo praticamente todo o país, incluindo debates com estudantes, intelectuais e líderes operários. Esse roteiro não incluía Araraquara. Mas a sua visita tornou-se possível, na metade do seu percurso, graças ao trabalho incansável e persistente do Professor Fausto Castilho, então professor de filosofia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras local, hoje Professor Emérito da Unicamp.

Jean-Paul Sartre participou em Araraquara de dois eventos. De um encontro no antigo Teatro Municipal, com estudantes, intelectuais, líderes sindicais e líderes camponeses (entre estes esteve presente o célebre Jofre, que organizava nos longes da Alta Araraquarense um movimento semelhante ao de Francisco Julião em Pernambuco). Foi um encontro sem pauta definida onde se discutiram várias questões de ordem política, estando Sartre sempre atento aos movimentos sociais que estavam ocorrendo no Brasil. Funcionou como um dos intérpretes Fernando Henrique Cardoso, então no início de sua carreira na USP. Mais tarde, no salão que hoje leva o seu nome, pronunciou uma conferência de caráter técnico-teórico. Assitiram-na como convidados professores universitários, prestigiosos intelectuais e personalidades preeminentes. Nessa palestra, proferida de improviso, a partir de umas poucas notas, procurou responder a uma questão proposta pelo professor Fausto Castilho, de caráter eminentemente filosófico, que dizia respeito, simplificando, à compatibilidade teórica entre suas grandes obras, *O Ser e o Nada* e a *Crítica da Razão Dialética*, que acabara de ser publicada, em plena vigência de sua aproximação com o marxismo. A primeira, representativa de sua fase eminentemente existencialista, voltada para uma pro-



ra

A obra literária

DANIELA MANTARRO CALLIPO

O roteiro incluiu debates com estudantes, intelectuais e líderes operários

funda reflexão sobre a subjetividade. A outra voltada para a prática política e social, procurando preservar as ideias de sua obra anterior.

Fausto Castilho indagou literalmente: “Desde 1943 conhecemos os termos em que o senhor define o filósofo bem como os vínculos que se estabelecem, na história, entre ele e sua obra – a História, isto é, o limite intransponível ao mesmo tempo para o subjetivo e o objetivo. Contudo, na *Questão de Método* e mais recentemente ainda na *Crítica (da Razão Dialética)*, o senhor renuncia formalmente ao nome de filósofo. Devemos perguntar se tal declaração não implica para o senhor em uma nova ideia das relações entre o subjetivo e o objetivo. E como dizer-se ideólogo hoje, e, entretanto, não cair nas dificuldades que Marx assinala a propósito de toda ideologia? Em suma, é possível superar a filosofia sem realizá-la?”.

Para maiores esclarecimentos, convidamos os interessados para a leitura do livro *A conferência de Araraquara*, lançado em 1986 pela Editora Unesp em parceria com a Editora Paz e Terra, em cuja preparação e edição colaborei. Uma segunda edição bilingue foi publicada pela Editora Unesp, em 2005 (126 páginas, R\$ 25, www.editora.unesp.br).

José Aluysio Reis de Andrade é filósofo e professor aposentado da hoje Faculdade de Ciências e Letras da Unesp, câmpus de Araraquara.

A versão original deste texto foi publicada no encarte especial Jean-Paul Sartre do *Painel – Boletim informativo da Faculdade de Ciências e Letras da Unesp Araraquara*, em setembro de 2001.

Este artigo está disponível no “Debate acadêmico” do *Portal Unesp*, no endereço < <http://www.unesp.br/aci/debate/010410-josealuysioreisdeandrade.php> >

Sartre e Simone de Beauvoir chegaram ao Brasil em agosto de 1960, para participar do I Congresso Brasileiro de Crítica e História Literária em Recife, a convite de Jorge Amado. Parece que, na verdade, o casal estava fugindo de perseguições políticas ocasionadas por sua oposição ao colonialismo francês na Argélia. Conheceram a Amazônia, o Rio de Janeiro, Porto Alegre e São Paulo, de onde se deslocaram até Araraquara, em novembro, para que o filósofo desse a célebre Conferência de Araraquara na recém-inaugurada FFCL, a pedido do então professor Fausto Castilho. Discutiu-se filosofia e debateu-se literatura: para Sartre, a obra literária deveria ser engajada, e ajudar o povo a ter consciência de sua situação, de seus problemas, levando-o a enxergar possibilidades de mudanças. Nomes importantes como Ferreira Gullar e Carlos Heitor Cony criticaram a visão “ingênua” do filósofo, que desejava aplicar no Brasil as soluções por ele imaginadas para Cuba, e condenaram a excessiva preocupação com a responsabilidade do escritor na sociedade.

Cinquenta anos depois, celebra-se a vinda de um dos maiores filósofos franceses ao Brasil, e seus princípios são retomados, discutidos, negados ou aceitos, mas ainda despertam o interesse de pesquisadores de vários campos do saber, basta verificar a grande quantidade de teses e dissertações a respeito da obra sartriana. Curiosamente, porém, são trabalhos relacionados às áreas de filosofia: poucos estudos de literatura são dedicados ao dramaturgo, que criou quase uma dezena de peças, e ao romancista, autor do célebre *La Nausée* e dos três volumes que compõem *Les chemins de la liberté*, entre outros. Nesses textos, a descrição do homem e de seus conflitos, a busca da liberdade e o receio de conquistá-la.

Sartre escolheu a literatura para difundir seu pensamento e, desse modo, atingir o maior número possível de interlocutores. Para tanto, construiu personagens que fizessem pensar a respeito da importância do olhar do Outro para a formação de nossa imagem, da dependência doentia de relacionamentos infrutíferos, da possibilidade de mudar e crescer e tomar consciência de nossas ações, de nossas escolhas, e da decisão de não agir, não mudar, não crescer.

Na ficção sartriana, encontra-se a construção minuciosa das personagens, do espaço em que se desenrola a trama, a utilização de uma linguagem simples e coloquial, tão diversa daquela que, espera-se, seja utilizada por um filósofo.

Sabe-se que a intenção de Sartre ao se dedicar à literatura era a de divulgar sua filosofia, provocando reflexões em seu público, em seus leitores. Suas peças teatrais colocavam no palco complexos problemas filosóficos demonstrados em situações do cotidiano, de maneira acessível. *Huis Clos*, por exemplo, aborda questões centrais como a liberdade e a importância do Homem no meio em que vive, já que ele não pode contar com um Deus que não existe, não cura suas dores, não o consola, não o protege. Sozinho no mundo, ele depende de si e do Outro: por isso a importância da reflexão antes da ação e a busca incessante da liberdade. Porque, embora introspectivo, o Homem não pode viver isolado. E a liberdade só pode ser alcançada na presença do Outro.

No fim da peça, a frase célebre: *L'Enfer, c'est les Autres*. Não é o castigo divino, é a dependência daquele que prejudica, a impossibilidade de se afastar dele. Como mudar? Agindo, fazendo escolhas que só se tornam possíveis quando a consciência é despertada. Sartre desperta consciências. Não emociona, como o faz Camus, este outro escritor francês que, há exatos cem anos, desapareceu em um trágico acidente de carro, deixando uma obra dolorosa, um relato cruel do absurdo da existência, um retrato preciso da revolta diante do Nada. A leitura de *L'étranger* comove e faz pensar nos relacionamentos que deixamos para trás, nas máscaras que usamos todos os dias, no comportamento treinado que adotamos, porque é isso que a sociedade espera de nós. Impossível acompanhar a trajetória de Mersault e não se emocionar com seu olhar perplexo diante de um mundo injusto, vazio e sem sentido. As páginas finais são das mais belas escritas em literatura e também levam à reflexão acerca do sentido da existência.

Sartre não emociona. Faz pensar. Para conhecê-lo, não é necessário debruçar-se sobre complexos tratados de filosofia e intrincados conceitos como *être en soi*, *être pour soi* ou ainda *l'existence précède l'essence*. Basta ler e apreciar suas obras literárias, a reflexão feita a partir dessa leitura é quase involuntária.

A literatura não precisa ser, forçosamente, engajada. No entanto, até mesmo Baudelaire, que almejava uma arte livre, dialogava com seus leitores a respeito de seu dilaceramento entre o Bem e o Mal. Sartre, como Victor Hugo, acreditava que o escritor tinha a missão de iluminar as mentes. Diferentemente, porém, do poeta das *Orientales*, que pretendia guiar o povo, Sartre juntava-se a ele. Descia da sua Torre de marfim, pegava duma cadeira, acendia um cigarro e começava a falar. Entre uma conversa e outra, propagava sua filosofia.

Daniela Mantarro Callipo é professora de Literatura Francesa da Faculdade de Ciências e Letras da Unesp, câmpus de Assis.

Este artigo está disponível no “Debate acadêmico” do *Portal Unesp*, no endereço < <http://www.unesp.br/aci/debate/290410-danielamantarrocallipo.php> >

Sartre escolheu a ficção para difundir seu pensamento e atingir maior número de interlocutores



Jorge Amado, Jean-Paul Sartre e Simone de Beauvoir, em Araraquara